

CORRESPONDÊNCIA

Egito Gonçalves

1.

Há-de haver à venda, algures, olhos como os teus, azuis de porcelana celeste, que servirão para um arremedo de memória quando um dia partires, ou eu partir — pois ambos sabemos que tudo se desfaz, os sentimentos deslizam no oleado da vida e de repente... Como foi isto? Alguma coisa desertou entre sombras, o sémen frio seca nos sapatos.

Então terei os teus olhos na gaveta como quem guarda um pedaço de céu límpido para decorar dias de chuva, um pedaço de celofane azul que não é o céu, como não serão os teus olhos os olhos na gaveta. Terão perdido a capacidade de exprimir os sentimentos, estarão fixos como decerto virão a ser os originais, olhando o longe, um ponto no passado que ainda se reflecte no canto do espelho. Uma lucilação há muito embaciada.

Olho-te enquanto ris e me propões que não se almoce, que troquemos o alimento por exercício mais compatível com a sede de vida que a serpente nos comunicou, e vejo os teus olhos de lago agitado rasgarem-se como o corpo que se ergue tenso para a voragem que pretendes conduzir, lenta e sábia, digerida em planos sucessivos... Damos as mãos para penetrar no labirinto, embora cada um de nós viaje a seu modo, cada um de nós tenha o seu método de atingir a claridade, a sua maneira de articular o desenho da própria vibração.

Empalada, inclinas-te como figura de proa e num gesto de falso recolhimento lanças os longos cabelos para a frente. São agora uma cortina que te esconde os seios, uma cascata em que mergulho os dedos ainda frescos, lúcidos no nascer da febre. Vejo a respiração do teu ventre lançado ao ataque e essa cortina móvel atrás da qual se escondem igualmente os teus olhos para que eu não siga neles a pista paralela onde me perco. É então que penso haver à venda olhos como os teus, azuis de porcelana celeste, que servirão para um arremedo de memória, um dia quando...

2.

Chove longamente neste inverno pesado, mas já floresce a luz das magnólias brancas; anunciam o explodir das folhas, embora por enquanto só de inundações se faça o quotidiano, a mensagem paralizante que rasga os caminhos da terra e me leva a remexer gavetas, distração piedosa que acaba por transformar o tempo sujo em um rosto voraz.

Entrego-me a esse rosto para expulsar do coração a bâtega insistente e olho o pesado maço de cartas que rememora o momento mais belo e mais aflito da tua vida. Não o abro, porém. Resistirei ainda um tempo ao desejo de percorrer de novo a tua voz, à veia de me abrir o pulso duma emoção decerto fatigada.

Mas aceito o teu corpo que vem deitar-se na carpete e fica como um barco, navegando nas areias já lisas da maré. Dou-me à sedução dessa quilha que fende antigos corredores por onde me perdi e moldaram a imagem de um desejo que se quis inesgotável. Um desejo de algas, de artelhos que rasgam a noite para um do

Bebo nesse corpo longo o mel arquejante que nasce da tua perturbação, como se subíssemos a caminho do sol e nos perdêssemos numa constelação de mucosas, de flancos movediços, uma pele de lâminas doiradas que vibram ao ritmo crescente do coração que pulsa no largo do teu ventre liso, para lá do púbis.

Mas a tristeza que entra pelas janelas retoma o testemunho e transformas-te num bloco errático que contemplo surpreso; que perdido glaciador trouxe até aqui a tua forma, a que estrato te arrancou e há que séculos? Um comboio leva-te numa carícia sem êxtase, numa névoa nocturna que é já o prenúncio da morte — então ainda espinho disfarçado, rosa preparada para atingir o ponto de ruptura...

Uma memória detritivora abandona sobre a mesa pedacinhos de fóssil, um espaço de umbigo, uma vírgula de seio, um rosário de pequenas vértebras, uma nuvem de escassas vertigens que esvoaçam ao rés do solo. Medito a estação que foste, a cicatriz deixada ao caíres de outono. Sei que me deste muito pouco, mas enterraste em mim um pólen essencial; se me pudesses ter de novo ficarias atónita, pois verias facilmente que só nasci depois de te perder. E esse não é o menor dos fenómenos, o que parecia destruído germinar num marulho de espigas, num delírio de marés...